

# JOGANDO COM AS RUAS: SOBRE O FUTEBOL DE CLASSE DA OFICINA DO CHÁ DO PADRE E DO COROTE & MOLOTOV.

JULIANA PEDRESCHI RODRIGUES<sup>1</sup>

MARCUS GONZALEZ<sup>2</sup>

RAFAEL TEIXEIRA DO NASCIMENTO<sup>3</sup>

VALÉRIA AROEIRA GARCIA<sup>4</sup>

## INTRODUÇÃO

[...] entre centenas ou mesmo milhares de pessoas que vivem nas ruas da região central da cidade de São Paulo encontramos o Amaral, homem, brasileiro, negro, pobre, com aproximadamente 40 anos, pouco se conhece sobre o seu passado. Sabemos que ele adotou esse codinome em razão de sua grande paixão pelo futebol e, também, por sua semelhança e grande admiração por um ex-futebolista de mesmo nome que atuou como volante em diversos times brasileiros e internacionais. Sempre vestindo meiões até os joelhos, calção e camisa de algum time de futebol, torna-se fácil identificar Amaral perambulando pelas ruas do centro da cidade. E no cotidiano da rua, entre as diferentes dificuldades e mazelas que assolam aqueles que se encontram nesta situação, pode-se notar em Amaral a presença de algum transtorno emocional e/ou mental que o faz, às vezes, intolerante e bastante agressivo sempre que questionado ou contrariado. Porém, apesar disso, ou, justamente por isso, ele tenha chegado na *Oficina de futebol do Chá do Padre* que, além de lhe possibilitar novas aprendizagens, também lhe permitiu o convívio que, com o passar do tempo, se transformou em vínculo afetivo com os educadores da oficina e com os outros jogadores participantes

1. Professora do Programa de Pós-graduação Mudança Social e Participação Política - EACH/USP.
2. Psicólogo, educador social do Núcleo de Convivência da Sé e estudante especial do Programa de Pós-graduação Mudança Social e Participação Política – Promuspp - EACH/USP.
3. Frei da Ordem dos Frades Menores de São Paulo, educador do SEFRAS e estudante especial do Programa de Pós-graduação Mudança Social e Participação Política – Promuspp - EACH/USP.
4. Supervisora de Ensino na Secretaria Municipal de Educação de Campinas e professora convidada do Programa de Pós-graduação Mudança Social e Participação Política – Promuspp - EACH/USP.

que vivem exatamente nas mesmas condições que ele. Mas entre todos os frequentadores pode-se dizer que Amaral tem algo que o difere dos demais.... Para a surpresa de todos lá na oficina e, apesar de sua condição emocional/mental, logo na primeira vez com a bola nos pés, Amaral surpreendeu a todos: trata-se de um verdadeiro craque! O seu espírito esportivo e sua notável desenvoltura durante as partidas deixaram a maioria dos participantes boquiabertos diante de tamanha agilidade na realização dos passes, nos dribles, na finalização de jogadas e por seu senso de organização e visão em campo. Na verdade, o cara bate um bô-lão. Amaral arma jogadas, define estratégias de ataque e defesa, respeita, pede respeito aos adversários e é muito respeitado. E foi de partida em partida e, a partir do convívio solidário e da camaradagem presente nesses amistosos, como no futebol de várzea, que Amaral passou, aos poucos, a participar e se integrar em outras atividades propostas pelo Chá do Padre, em especial, a *Oficina de direitos fundamentais e exercício de cidadania*, na qual ele tem também se mostrado bastante engajado e habilidoso. E, como no futebol, nessa oficina, Amaral tem procurado acertar os passes, marcar seus gols e sair vitorioso nesse disputado campeonato contra a invisibilidade onde os direitos sociais mais básicos estão submetidos as regras do senhor mercado financeiro responsável pela definição de quem serão os titulares, dos que permanecerão no banco de reserva e daqueles que serão os resignados expectadores de tão desumana partida. (Gonzalez, educador social, 2017).

Em busca de saber mais sobre as particularidades do morar nas ruas e, também, do cotidiano de quem vive nelas, um censo foi realizado entre os anos 2007 e 2008 para investigar as condições de vida dessas pessoas. Encomendado pelo Ministério de Desenvolvimento Social, a pesquisa que identificou em 71 cidades brasileiras aproximadamente 31.922 pessoas vivendo na rua<sup>5</sup>. Diferentemente de outros levantamentos anteriormente elaborados em diferentes estados brasileiros sobre essa população que, em geral, só os quantificam por sexo, idade e origem, o propósito desse censo foi o de conhecer, em detalhes, o perfil e dia-a-dia de parcela dos entrevistados, cerca de 10% deles, através do desenvolvimento de metodologia capaz de levantar dados e revelar os diferentes aspectos e peculiaridades da vida nas ruas.

Segundo Cunha e Rodrigues (2009), o objetivo principal dessa pesquisa foi o de coletar dados que pudessem, após a sua publicação, subsidiar o poder

---

5. Ver: [http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\\_social/Livros/Rua\\_aprendendo\\_a\\_contar.pdf](http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Livros/Rua_aprendendo_a_contar.pdf)

público no processo de elaboração de “estratégias e políticas específicas”, colaborando também com a redução do preconceito existente em torno da *rua-lização* a partir da disponibilização para a sociedade de informações corretas e consistentes a respeito das circunstâncias que levam esses indivíduos para a situação de rua e das dificuldades que os impedem de sair dela.

De maneira geral, os debates envolvendo as questões sobre os principais motivos que fazem com que as pessoas tenham como única alternativa o viver pelas ruas, são repletos de fantasias, de preconceitos de todo o tipo, de “achismos” por parte do senso comum e mesmo por parte da gestão pública que, por muitas vezes responsabilizam exclusivamente a pessoa por estar nessa condição, desconsiderando o totalmente a inexistência de políticas públicas nesse setor e as adversidades impostas pelo contexto social e econômico que os levaram para tal situação. (Rodrigues, 2015).

E no que se refere ao cenário de exclusão social presente nas grandes e pequenas cidades brasileiras, que fez das ruas local e única alternativa para a moradia e sobrevivência de muitos, Antunes (2000) esclarece que, com a ampliação da crise estrutural do capital financeiro, novas formas de compensação do ciclo de produção baseadas na “intensificação da exploração da força de trabalho” se estabeleceram gerando instabilidade e, conseqüentemente, a diminuição de postos de trabalho, que colaborou com o aumento do desemprego e crescimento da informalidade, fatores esses que, em seu conjunto, de certa forma, contribuíram para a formação de um exército de trabalhadores que passaram a viver à margem do trabalho, da proteção social e mesmo da sociedade.

Mas para além da falta de oportunidades de trabalho, da renda, do conforto de uma casa, da ausência de bem-estar social, de práticas culturais proporcionada no âmbito da esfera familiar ou da comunidade, sabe-se que as pessoas que vivem em situação de rua, enfrentam a carência material e afetiva, todos os tipos de mazelas e violências e, principalmente, rejeição do poder público e de parte das pessoas que transitam pelas grandes cidades. Nesse sentido, o estudo de Valencio afirma que

(...) pessoas em situação de rua vivenciam inúmeras dificuldades. A mais evidente delas, a sua territorialização precária. A vulnerabilidade locacional sujeita o grupo às diversas dimensões de desamparo: desconforto face às intempéries; insalubridade; insegurança frente aos estabelecidos que lhes dirigem olhares de desconfiança. (Valencio, 2008, p.558).

E é nesse contexto de exclusão e de extrema vulnerabilidade que a população de rua cresceu nas últimas décadas e, mesmo assim, continuou invisível aos olhos do estado e de cidadãos que utilizam a rua para diferentes fins e não como recurso de moradia (Nakagawa, 2016). Sobre essa questão, a da invisibilidade do morador de rua, particularmente, a pesquisa de De Lucca, publicada no ano 2007 e intitulada: *A rua em movimento - experiências urbanas e jogos sociais em torno da população de rua*, nos reportou ao recente episódio envolvendo as truculentas ações higienistas<sup>6</sup>, promovidas pela Prefeitura da cidade de São Paulo, em maio desse ano, contra a população de rua que vive no bairro da Luz<sup>7</sup>.

Pode-se observar nas ações da gestão da cidade no ano de 2007 citadas pelo autor, a ausência de conhecimento, de empatia e solidariedade por parte do poder público e que essas ações se repetem ainda hoje, em 2017, entre os gestores públicos responsáveis por essa questão na cidade de São Paulo. Mas, sobre a inabilidade da gestão pública em 2007, De Lucca relata que, naquele período, o município:

(...) parece ter abandonado progressivamente a meta de reformar ou “reinsserir” a população de rua e, em lugar disso, passou a se preocupar, mais e mais, em supervisionar suas vidas para que não atrapalhem ou transmitam insegurança à paisagem do Centro. Trata-se de gerir a população de rua de modo que sua aleatoriedade não atrapalhe o andamento das práticas na cidade. A reinserção parece ter se tornado uma questão no mínimo secundária, sendo que aquilo que salta em primeiro plano é justamente a produção de uma paisagem urbana supostamente protegida. Com isso, tentam assegurar o espaço da rua contra possíveis transgressões numa luta minúscula e diária contra todas as pequenas incivildades, infrações, distúrbios e infortúnios que possam ser vistos como “incubadores” do perigo, do risco social e da decadência moral. (De Lucca, 2007, p. 227).

Na mesma perspectiva de De Lucca, o estudo publicado por Nakagawa, em 2016, aborda esse tema, mas o amplia fazendo uma análise sobre papel do município de São Paulo no que se refere a produção e circulação de riquezas, e, ao mesmo tempo, como a ausência de políticas específicas contribui para o

---

6. Ver: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/doria-se-destruiu-na-cracolandia>

7. Ver: <http://exame.abril.com.br/brasil/por-que-mp-e-defensoria-sao-contracao-de-doria-na-cracolandia/>

processo de manutenção da pobreza. Com base nos dados levantados sobre esse cenário a autora revela que:

A taxa de desemprego na região metropolitana era de 16,8% em abril de 2016 (PED/SEADE/DIEESE). Em 2010 existem 355.756 domicílios subnormais – cerca de 10% dos domicílios da cidade (PMSP, SMDU, Dinfo, Infocidade: 2010). Em 2015 identificou-se 1.677 favelas (PMSP, SMDU, Dinfo, Infocidade: 2015), 42.924 unidades de habitação em casa de cômodos (pensões) ou cortiço ou “cabeça de porco” – Cortiço/Ocupação (PMSP, SMDU, Dinfo, Infocidade: 2015b). Destarte, é desigual e segregadora, com indicadores de desenvolvimento humano distintos em seus 96 distritos e nos seus 18.953 setores censitários. Como em outras localidades, tem como um dos segmentos sociais mais vulneráveis a população em situação de rua. (Nakagawa, 2016, p.8).

E prosseguindo a sua análise sobre os fatores e a emergência dessa questão nas grandes cidades, a autora ainda relata que:

Nas principais metrópoles mundiais identificamos este fenômeno. Consequentemente, as diferentes trajetórias e histórias de vida da população em situação de rua traz relevância às condições urbanas e socioeconômicas como fator de incidência. Usar logradouros e espaços públicos não previstos como moradia não é um fenômeno novo, mas as atuais estruturas sociais e condições materiais de reprodução são marcos definidores da situação de rua como conhecemos hoje. (Nakagawa, 2016, p.8).

Como a autora, reconhecemos que a questão da moradia de rua não é privilégio da cidade de São Paulo e que o movimento de segregação e discriminação, vindos de diferentes setores da sociedade, ainda é mais forte que a busca por caminhos que garantam os direitos sociais mais básicos ou a solução desse problema. Mas se para a gestão pública a invisibilidade ainda é a melhor saída para essa questão, sabe-se que, na mesma cidade que se mostra hostil para aqueles que estão à margem da lógica do consumo, ao mesmo tempo encontramos focos de solidariedade, de empatia e diferentes movimentos de resistência que desejam a reconfiguração da cidade em uma mais sensível, pois, entende-se que “é nos espaços públicos que a vida urbana, e tudo o que a diferencia de

outros tipos de existência coletiva, alcança a sua mais completa expressão, com alegrias, dores, esperanças e pressentimentos que lhe são característicos”. (Bauman, 2009, p. 70).

E é a esperança de Bauman que nos inspira e também nos chama a atenção para o fato que, apesar de seus conflitos, a cidade está repleta de contradições e, talvez, de possibilidades de restauração do convívio, da civilidade, das relações cidadinas, da valorização da diversidade presente, por exemplo, que podem ser percebidas em propostas singelas como a do *futebol de classe*, apresentado a seguir, e que tem se mostrado uma interessante oportunidade de reestabelecimento de vínculos para algumas pessoas que estão em situação de rua e que tentam pensar em outras possibilidades de relação com a cidade e com as pessoas que vivem nela.

#### JOGANDO E SE SOLIDARIZANDO...

Sabe-se que o futebol é um esporte popular e muito praticado no Brasil. Seja na periferia ou em áreas privilegiadas das grandes metrópoles, por maior que seja a oferta e diversidade de atividades de lazer, o futebol ainda tem centralidade e é considerado uma “atividade de enorme importância social”. (Gastaldo, 2002).

O autor afirma que aqui o futebol “pode ser considerado como uma das manifestações culturais mais importantes da cultura brasileira” e não é à toa que o Brasil se tornou reconhecido mundialmente como “o país do futebol” e que o termo “pátria de chuteiras” foi cunhado para revelar o amor dos brasileiros por esse esporte e, ainda, que o “ser brasileiro” pode ser manifestado dentro de um estádio de futebol (Gastaldo, 2002, p.23).

Em geral, na execução e desenrolar de uma partida de futebol, os conflitos e pequenas desavenças são minimizadas, pois o futebol bem jogado só acontece, de fato e, com qualidade, se as duas equipes, na base da camaradagem, acertarem as diferenças.

No que se refere a dinâmica da partida, Da Mata (1982) a explica como “drama da vida” e, para isso, recorre aos conceitos de ritual e de drama social para análise, justificando que nela, pode-se observar “questões estruturais e hierárquicas da nossa sociedade”, aproximando o futebol de outras práticas culturais ritualizadas como o “carnaval e as religiões afro-brasileiras” também, segundo o autor, estão impregnadas de paixão e entusiasmo. Ele ainda afirma que a cultura do futebol brasileiro tem especificidades que o faz diferente do que é

praticado, se comparado, por exemplo, com a América do Norte e Europa. No texto intitulado, *Futebol: ópio do povo x drama de justiça social*, Da Mata afirma que o futebol do Brasil:

(...) além de ser um esporte, é também uma máquina de socialização de pessoas, um sistema altamente complexo de comunicação de valores essenciais e um domínio onde se tem a garantia da continuidade e da permanência cultural e ideológica enquanto grupo inclusivo. (Da Mata, 1982, p.60)

Considerando a capacidade de socialização do futebol e, apesar, da indigesta lembrança da participação do Brasil na Copa do Mundo de Futebol de 2014, as glórias da primeira taça até o título de pentacampeão, ainda reúnem, entusiasma e apaixonam jogadores pelas várzeas, pelos clubes e torcedores brasileiros nos estádios. E é sobre o futebol popular, o que une, o que é motivo de alegria, de encontro e possibilidade de prática socializadora que relataremos a seguir.

#### O FUTEBOL DE CLASSE: SOBRE A OFICINA DO CHÁ DO PADRE E O COROTE & MOLOTOV.

Como dito anteriormente, a população, em situação de rua, vive os mais diversos tipos de exclusão, inclusive o distanciamento das práticas e atividades relacionadas com o esporte e lazer. O centro velho da cidade de São Paulo é um dos locais com maior concentração dessa população e, por vezes, podem-se presenciar situações constrangedoras como, por exemplo, a negação do direito a cidade - que é um direito de todos - e não apenas àqueles inseridos no sistema capitalista de produção e consumo. Sabe-se que diariamente, a população em situação de rua sofre agressões, humilhações e imposições para que abandonem o centro da cidade e migrem para as periferias.

Em um movimento contrário e, visando dialogar com a população de rua, estratégias de cuidado, para além da oferta de alimentação, vestuário, atendimento psicológico e de saúde, na região central da cidade de São Paulo, são oferecidas atividades lúdico-pedagógicas, recreativas e esportivas no Serviço Franciscano de acolhida, escuta e partilha de problemas da população de rua.

Trata-se do *SEFRAS<sup>8</sup> Pop Rua*, popularmente conhecido como o “Chá do Padre”, por servir diariamente, todo final de tarde, o chá e o pão aos moradores de rua.

Entre os diversos serviços e atividades desenvolvidas pelo SEFRAS (uma organização vinculada à Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, criada no ano de 2002, com sede no centro da cidade de São Paulo e, desde 2016, conveniada com a Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social), é ofertada uma oficina de futebol organizada com o objetivo de atender a população em situação de rua, frequentadora ou não dos serviços de assistência social no Núcleo de Convivência Sé. A oficina de futebol é desenvolvida em uma quadra poliesportiva emprestada por parceiros, o Sindicato dos Bancários de SP, localizada na rua Tabatinguera, 192, e em uma quadra pública ao lado da câmara municipal, ambas no centro da cidade de São Paulo. A escolha dos dois locais se deve, justamente, a proximidade do núcleo de convivência e da população que está em situação de rua na região central.

A oficina acontece semanalmente, nas sextas-feiras, das 09h00 às 11h00, e são sempre desenvolvidas por educadores sociais do núcleo de convivência da Sé, psicólogos, assistentes sociais para que seja feito o acompanhamento das dificuldades e/ou necessidades de cada um dos participantes. Para as partidas são convidados, os bancários e outros colaboradores do sindicato à participação na oficina. Acredita-se que através de atividades esportivas, da promoção de campeonatos, os participantes podem começar a estabelecer e/ou recuperar o processo de responsabilização por si próprio, pelo coletivo e mesmo pela organização das atividades. De maneira geral a partir desse envolvimento o participante começa a destinar algum tempo de seu dia para realização dessa e de outras atividades oferecidas pelo Sefras.

Entende-se que durante o período em que o participante se ocupa com a oficina de futebol, ele se afasta temporariamente da sua rotina e de paliativos comuns entre parcela dos moradores de rua, como, por exemplo, as drogas lícitas e ilícitas.

Considera-se importante ressaltar que não se trata de utilizar o futebol para reafirmar a lógica do é que conhecido como “pão e circo”, mas como Freire (2007), entende-se na Oficina de futebol do Chá do Padre, que a emancipação da pessoa começa a partir de um processo: o de tornar-se autor consciente e protagonista de sua própria história.

---

8 O SEFRAS Pop Rua que está localizado na rua Riachuelo, área central da cidade de São Paulo, ver detalhes em: <http://www.sefras.org.br/novo/servicos/sao-paulo/pop-rua-cha-do-padre/>



Já no caso do futebol, enquanto prática socializadora presente no Corote & Molotov Futebol de Classe<sup>9</sup>, faz necessário esclarecer a origem de seu nome e de sua criação. Corote é o nome de uma bebida alcoólica, a “pinga”, tradicionalmente consumida pelos moradores de rua pelo seu baixo custo. Já Molotov é uma espécie de bomba caseira utilizada por muitos ativistas e militantes em protesto em diversos países. O nome Corote & Molotov, enquadra-se no que seus fundadores compreendem e denominaram como o *Futebol de Classe*, fazendo uma analogia a própria condição da luta de classes, que se perpetua e a divisão da sociedade entre opressores e oprimidos. (Iasi, 2007).

A criação desse time de futebol de várzea aconteceu em 2016, a partir da ideia de reunir pessoas que moram nas ruas da cidade e militantes – na maioria representantes de movimentos sociais ou coletivos autônomos – que compreendem a rua como espaço privilegiado de expressão e reivindicação e não como única opção de moradia. Vale lembrar, também, que os nomes contemplam, simbolicamente, estes dois grupos que fazem parte de um mesmo movimento reivindicatório: a população de rua (Corote) e os militantes e educadores sociais que trabalham com os moradores de rua (Molotov) mas que, nesse processo de integração, nas partidas, se mesclam se tornando todos um tanto de Corote e outro tanto de Molotov.

Posto isso, a proposta do Corote & Molotov foi a de criar um espaço no futebol da várzea paulista justamente para quem geralmente é excluído de todos os setores da sociedade, inclusive as práticas culturais relacionadas ao lazer, e mostrar que a prática deste esporte, para além do “espetáculo e mercadoria” que se tornou, pode atingir essas pessoas, por oferecer possibilidades de socialização e, conseqüentemente, de estabelecimento de vínculos, condição essencial para trabalhar com aqueles que escolheram, ou por diferentes situações acabaram por morar/viver nas ruas enfrentando as diversas problemáticas que implicam o morar nelas. Trata-se de um esforço que visa atenuar os mais diversos preconceitos e formas de opressão que incidem sobre essa população já bastante fragilizada. (Arruda, 2014).

Em geral, nos encontros que acontecem mensalmente, por exemplo, são organizados antes do início dos jogos grupos de discussão sobre homofobia, machismo e racismo, para que estes preconceitos sejam esclarecidos ou, minimamente, amenizados ou nem entrem em campo com os jogadores. Também participam destes grupos simpatizantes e/ou convidados que possuam bagagem em relação aos temas sobre a redução de danos e responsabilização sobre a condição física e mental necessária para participar dos jogos.

---

9 Ver: <http://www.melcoelho.com/corote--molotov.html>

Pode-se afirmar que, para além da prática esportiva, a inclusão é um dos princípios fundamentais do time, pois existe uma política interna entre organizadores e todos aqueles que desejam jogar, da não importância ou necessidade de conhecimentos prévios sobre futebol ou habilidades específicas ou especiais para se entrar em campo. No Corote & Molotov todos são bem-vindos e jogam.

Assim sendo, nos treinos a ênfase está na partilha, na camaradagem, nas aprendizagens e na valorização do grupo e não na disputa ou promoção do melhor ou busca de um grande vencedor. O bater bola em um movimento fraterno é o que interessa.

Sabe-se que o futebol profissional se tornou uma das mais valiosas mercadorias, uma grande expressão do modo de produção capitalista e do neoliberalismo atual que fomenta grandes investimentos de capital financeiro, realiza transações milionárias e torna o futebol mercadoria e espetáculo muito rentável. (Mosko, 2011) e (Prони, 1998).

Contrários a essa perspectiva, o Corote & Molotov tem como propósito principal demonstrar que o futebol não deve ser propriedade apenas de quem pode pagar pelo caro espetáculo/mercadoria que ele se tornou, mas que ele, na várzea, pode ainda ser uma prática de todos os que o apreciam e o admiram, incluindo os mais pobres e excluídos. Portanto, vale dizer, que esse time se coloca em um cenário de contra (resistência) ao que propõe o futebol moderno.

Uma das portas para ingresso no Corote & Molotov é a oficina de futebol que acontece semanalmente no Chá do Padre. O time é composto por participantes, inclusive os facilitadores da oficina, que também jogam nesse time, pois as propostas são muito semelhantes. Em geral, durante o desenvolvimento das oficinas, o facilitador de futebol apresenta a proposta do Corote e Molotov e abre um convite aos que tiverem interesse de participar aos finais de semana e quiserem, através do futebol de classe, fazer parte de um time onde todos são de iguais.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A pesquisa *Rua: aprendendo a contar, encomendada pelo Ministério de Desenvolvimento Social*, entre os principais resultados, mostrou que a grande maioria da população de rua, “cerca de 95% dos entrevistados, não participa de qualquer movimento social ou atividades de associativismo”. Ainda segundo os dados levantados somente 2,9% declararam participar de alguma atividade

e nos relatos destacaram-se as iniciativas de movimentos religiosos (31, 3% e movimentos populares”. (Pesquisa Nacional sobre população de rua, 2009).

De certa forma isso pode ser notado nas iniciativas da Oficina de futebol do Chá do Padre e do Cortote & Molotov que nos mostra o esforço de educadores sociais no oferecimento de uma prática cultural popular de maneira não imposta, respeitando as diferenças, a vontade e as experiências de cada um.

Em contextos como os que acabamos de referenciar acima, e que não se encerram aqui, em relação às ações que vem se destacando no cenário nacional e, particularmente, na cidade de São Paulo, chamamos atenção ao que se refere à atuação dos educadores sociais que trabalham com os moradores de rua.

Sabe-se que desde à atuação das Comunidades Eclesiais de Base (Martins e Vésio, 2007) muitos são as ações realizadas por diferentes atores que vêm se ocupando das relações com àqueles, que por diferentes motivos estão vivendo/morando nas ruas. Atualmente, muitas ONGs, Associações, Instituições acabam por contratar educadores sociais para fazer a intermediação e relacionamento com os moradores de rua.

Sabe-se que no Brasil, a chamada educação de rua se relaciona com a trajetória da educação social, e muito do que atualmente consideramos como educação social, teve como espaço de militância e campo de lutas, a educação de rua.

Por não possuir uma intencionalidade prévia, e por considerarmos como um campo de possibilidades, o campo da educação não formal pode abarcar diferentes ações relacionadas aos moradores de rua, considerando aqui tanto as ações que respeitam as escolhas dos moradores de rua, como tantas outras que tentam “enquadrar”, “reinsere”, socializar os moradores de rua, como se estes estivessem fora...

Por fim, a pergunta que nos cabe fazer é até quando o fora é dentro, e vice-versa. A prática do futebol relatada nesse texto, da Oficina do Chá do Padre e Corote & Molotov nos apresenta opções de dentro que fortalecem os desejos, as escolhas, as opções de pessoas para além da situação de rua, que socializam, se solidarizam, se integram, e respeitam as singularidades, os talentos e expressões que fortalecem os indivíduos que as vivenciam e/ou as escolhem.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, R. Os sentidos do trabalho. São Paulo: 3. Ed., Boitempo, 2000.
- ARRUDA, A. M. A vida nas ruas: Aspectos psicossociais das vivências de moradores de rua de Campo Grande. (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande, 2014.
- BAUMAN, Z. Confiança e medo na cidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Rua: aprendendo a contar. Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua. Brasília: MDS, 2009. Disponível em:  
<[http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\\_social/Livros/Rua\\_aprendendo\\_a\\_contar.pdf](http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Livros/Rua_aprendendo_a_contar.pdf)>. Acesso em: 26 jul. 2017.
- CUNHA, J. V. Q.; RODRIGUES, M. (org). Rua: Aprendendo a Contar. Pesquisa nacional sobre população em situação de rua. Brasília; Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009.
- DA MATTA, Roberto (org.). Universo do Futebol. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.
- DA MATTA, Roberto. Futebol: ópio do povo x drama de justiça social. Novos Estudos Cebrap. São Paulo, v. 1, 4, p. 54-60, nov. 1982.
- DE LUCCA, D. A rua em movimento: experiências urbanas e jogos sociais em torno da população de rua. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2007.
- FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- GASTALDO, E. Pátria, chuteiras e propaganda. São Paulo: Annablume; Ed. Unisinos, 2002.
- IASI, M. L. O Conceito e o “não-conceito” de classes em Marx. In: Ensaios sobre Consciência e Emancipação. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- MARTINS, M.; VÉSSIO, M. CEBs e educação: desafios, lutas e conquistas. Revista de Ciências da Educação. Revista de Ciências da Educação, 2007.
- MOSKO, J. C.; MOSKO, J. F. Cultura de massa, espetáculo e o jogador de futebol. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, 2011.

NAKAGAWA, C. T. Vulnerabilidade da população em situação de rua na cidade de São Paulo, Brasil: mitos e especificidades. XXI Congreso Internacional sobre la Reforma del Estado y de la Administración Pública. Santiago, Chile, pp.8-11, nov. 2016.

PRONI, M. W. Esporte-espetáculo e futebol-empresa. (Tese de doutorado). Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1998.

RODRIGUES, I. de S. A construção social do morador de rua: o controle simbólico da identidade. Dissertação (Mestrado). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.

SARTORI, J.; GRANADO, K.; SANO, L. Pessoas em situação de rua no Município de São Carlos-SP: subsídios à reflexão participativa em torno das possibilidades de superação de dimensões econômicas e extra econômicas de vulnerabilidade. In: Simpósio nacional população em situação de rua. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2008.

SILVA, J. R. F. A Igreja dos excluídos: vida e morte do povo que mora na rua. São Paulo: FTD, 1988.

VALENCIO, N. L. da S.; Et al. Pessoas em situação de rua no Brasil: estigmatização, desfiliação e desterritorialização. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 7, n. 21, pp. 556 a 605, dez, 2008.